

## MUDANÇAS NO MODELO EDUCACIONAL TRADICIONAL

*Ana Claudia Faria Machado\**

*Carlos Alberto Vicchiatti\*\**

No presente ensaio discutiremos a necessidade de mudanças em nosso modelo educacional tradicional presente em muitas instituições brasileiras, tendo em vista que o público alvo requer aulas mais estimulantes que aprofundam o conhecimento, tornando-os mais ativos, críticos e autônomos.

### INTRODUÇÃO

A sociedade tem passado por diversas mudanças em sua estrutura e a escola como parte importante em sua composição não ficaria de fora dessa evolução. No entanto, entramos num dilema nada fácil de resolver: como mudar e evoluir de forma sistemática em que todos os educandos aprendam de maneira competente sabendo desenvolver seus projetos de vida e promovendo sua cidadania? Nesse sentido precisamos rever o modo como reorganizar o currículo e as metodologias que ainda são utilizadas em larga escala em nossas escolas brasileiras.

As escolas tradicionais priorizam a difusão de informações pelos professores, de maneira que o estudante é um ser passivo que acolhe tudo o que é dito e o professor se torna o detentor do saber. Essa maneira de ensinar fazia sentido no tempo em que as informações eram difíceis de ser acessadas, agora com a facilidade do mundo contemporâneo com o uso da internet e a divulgação aberta de materiais, podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e com pessoas diferentes.

---

\* Pedagoga formada na Universidade Federal de Goiás. Especialista em Educação Infantil, Alfabetização e Letramento pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (FABEC). Psicopedagoga pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (FABEC) e pós-graduanda em Metodologias Ativas na Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN).

\*\* Pós-Doutor em Comunicação, Doutor em Comunicação e Semiótica, Mestre em Educação Superior, Jornalista, Avaliador do MEC desde 2002, Gestor Educacional desde 1990 e Professor Universitário desde 1992.

## MUDANÇAS EDUCACIONAIS UTILIZANDO AS METODOLOGIAS ATIVAS

Para nós professores essa realidade tem causado estranhamento e por muitos, resistência ao novo, pois não temos um modelo pré-existente bem-sucedido numa sociedade altamente conectada. Nesse contexto devemos aprimorar nossos estudos e aproveitar o que temos hoje a nosso favor, pois o que a tecnologia traz hoje é a integração de todos os espaços e tempos e a aprendizagem é constante, sendo assim a escola não é um mundo à parte da sociedade, mas um espaço estendido que abrange diversas realidades. Então o cenário educacional atual necessita de mudanças em seu contexto. Por mais que a mudança seja difícil há indícios de procura por novos jeitos de ensino-aprendizagem.

Segundo Moran (2015) as instituições educacionais atentas às mudanças escolhem fundamentalmente dois caminhos, um mais suave - mudanças progressivas - e outro mais amplo, com mudanças profundas. Para o autor o caminho mais suave mantém o modelo curricular, seguindo as disciplinas, mas o aluno se torna protagonista de sua aprendizagem envolvido com metodologias ativas, como por exemplo, o ensino por projetos, ensino híbrido e a sala de aula invertida.

Já o caminho mais profundo visa mudança radicais, sem disciplinas, espaços diferenciados e as metodologias baseadas em desafios, problemas e jogos, nos quais cada aluno aprende no seu ritmo e necessidade tendo a supervisão de professores orientadores. Vários teóricos há muito tempo já traziam a necessidade de mudança em nosso modelo educacional, entre eles, Paulo Freire.

Para ele era importante que o estudante tivesse a autonomia e criticidade para lidar com as práticas sociais envolvidas em seu contexto superando, assim, a educação bancária, tradicional pregada por muitos até os dias de hoje. Portanto, ao pensarmos em mudanças em nosso modelo de educação temos as metodologias ativas como ponto de partida para progressos no sistema em que o estudante se tornará mais curioso, terá capacidade de tomada de decisões individuais e coletivas sendo mais crítico, sabendo se posicionar de forma relevante. No entanto, o caminho a se percorrer até todos engajarem nessas novas possibilidades de mudanças é longo e requer cuidado e estudos, tendo em vista que a sociedade ainda é ancorada no modelo tradicional.

Segundo Moran (2015) as escolas que se arriscam nas mudanças, tem trazido transformações em seu modelo disciplinar, no qual o estudante é estimulado a aprender por meio de desafios relevantes, problemas, jogos, atividades de leitura, combinando tempos individuais e coletivos, projetos pessoais e de grupo. Mas para que isso ocorra o autor afirma que é necessária uma nova organização de currículo, participação e envolvimento dos professores, bem como da organização das atividades didáticas, tempo e espaço.

Repensar tudo isso exige empenho de todos os envolvidos, fato que não é fácil diante da resistência e desconhecimento até mesmo dos professores. Porém, mudar é inevitável, pois nosso alunado mudou, está muito mais conectado, as informações chegam de forma fácil e a todo momento, cabe à educação saber direcionar e aprofundar os conhecimentos desses sujeitos. Sendo assim, as escolas que querem trazer esses benefícios aos seus alunos tem por obrigação repensar seu ambiente físico, no qual as salas de aulas serão mais centradas no educando, facilitando atividades de grupo, bem como individuais.

Além disso, é necessário estar conectado às novas tecnologias que favorecem a pesquisa e o estudo mais aprofundados. É necessário também repensar lugares mais amplos, diferentes dos até então encontrados na maioria das escolas, sendo mais agradáveis e mais confortáveis. Muitos alegaram a falta de recursos financeiros para as mudanças necessárias, apoiando no comodismo e na insegurança gerados ao sair da zona de conforto até então mantida, mas como afirma o estudioso José Moran: Mesmo escolas sem tantas tecnologias, quando têm projetos pedagógicos mais avançados, modificam o conceito de sala e de espaço. Uma escola municipal, como a Amorim Lima de São Paulo, cria salas maiores para que alunos de vários anos possam participar em grupos. (MORAN, 2015, p. 6).

Para que todos se sintam valorizados e incentivados as mudanças podem ocorrer com pequenos avanços. Os gestores das instituições de ensino podem incentivar seus professores a passarem por formações continuadas, nas quais aprenderão a lidar com os novos modos de ensino, tornando-se um professor mediador, orientador dos estudos e não mais um mero transmissor de conhecimentos. Os educandos deverão ser estimulados a pensar, se tornando estudantes ativos, criativos, solucionadores de problemas, agindo de forma crítica e autônoma.

## REFERÊNCIAS

COLEÇÃO MÍDIAS CONTEMPORÂNEAS. **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Vol. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 36. ed, São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2014.